

É hora de repensar a escola

» MOZART NEVES RAMOS

Titular da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira do Instituto de Estudos Avançados da USP de Ribeirão Preto

Os resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) do Ministério da Educação (MEC), como também alguns estaduais, como o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), mostraram que a pandemia provocou uma queda significativa na aprendizagem escolar, acompanhada de um aumento de desigualdade educacional. O impacto foi mais sentido nas crianças em fase de alfabetização e concluintes dos anos iniciais do ensino fundamental. Essa queda foi ainda mais relevante na disciplina de matemática, como resultado do maior efeito escola sobre ela do que em língua portuguesa.

O Brasil é um dos países cuja educação mais foi impactada pela pandemia, em decorrência não só do número elevado de dias com prédios escolares fechados, especialmente no setor público, como também pela ausência de acesso às novas tecnologias. Agora é hora de nos inspirarmos na canção “Volta por cima”, do compositor Paulo Vanzolini, escrita na década de 1960, que diz: “Reconhece a queda/ e não desanima. / Levanta, sacode a poeira / e dá a volta por cima”.

Vamos precisar literalmente fazer isso. E, para colocar em prática essa composição, o MEC precisa agora, no início do ano letivo, convidar estados e municípios para traçar um plano de recomposição da aprendizagem escolar em regime de colaboração — algo que os irmãos cearenses sabem fazer muito bem.

Precisamos, nesse novo ambiente, tirar proveito da parte positiva (ela existe) que a pandemia nos deixou. As escolas e suas redes de ensino não podem mais traçar o seu planejamento sem incluir uma política robusta do uso das novas tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem, até porque, para dar conta dos deficits de aprendizagem, vão precisar mais do que nunca delas — por exemplo, apoiando estudantes em um programa de aulas invertidas, especialmente aqueles que mais foram impactados pela pandemia.

Nesse sentido, o MEC, em colaboração



com os demais ministérios envolvidos, precisa destravar o uso dos recursos do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust), que tem mais de R\$ 20 bilhões em caixa, para prover internet com banda larga aos estudantes e professores das escolas públicas, que na maioria dos casos ficaram a ver navios durante a pandemia porque não tiveram acesso a esses serviços.

Mas a solução não se resume exclusivamente às novas tecnologias, internet e banda larga. Isso é ponto de partida e não de chegada. Para ter maiores chances de sucesso no processo de recomposição da aprendizagem, será preciso incluir a oferta de uma educação integral, que incorpore intencionalmente no currículo escolar as chamadas competências socioemocionais, tais como criatividade, pensamento crítico, colaboração e perseverança. Isso implica estimular uma nova

sala de aula que saia do atual sistema de alunos enfileirados para um ambiente que estimule e promova um universo de pesquisa entre os alunos, enquanto o professor exerce o papel mais de mentor do que de instrutor de conteúdos.

Vários estudos revelam que estudantes com tais competências bem desenvolvidas não somente absorvem o aprendizado de forma satisfatória como também se preparam melhor para a vida, com mais autonomia e maiores chances de colocar em prática o seu projeto de vida.

Nesse contexto, o país tem a seu favor a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como uma importante bússola das aprendizagens essenciais que precisam ser asseguradas aos estudantes ao longo de toda a Educação Básica — da Creche ao Ensino Médio.

O planejamento não pode ficar fora disso, obviamente. Sem um bom planejamento, não vamos muito longe. Trabalhar o chamado planejamento reverso pode ser um bom caminho, cujo foco é o aluno e não o professor. Isso implica realizar avaliações diagnósticas para acompanhar o desenvolvimento dos estudantes em relação às metas de aprendizagem traçadas. O Brasil precisa entender de uma vez que não será mais possível a “política do tamanho único”.

Cada aluno tem o seu ritmo e o seu tempo de aprendizagem. Olhar a média é como colocar a cabeça no forno e os pés no congelador: a média está boa, mas a pessoa está morta. A inteligência artificial já vem ajudando, em vários países desenvolvidos, a monitorar o desenvolvimento de cada aluno, contribuindo sobremaneira no processo de ensino e de aprendizagem.

Esses últimos anos nos revelaram muitas coisas, abrindo nossos olhos para o tamanho do atraso educacional brasileiro, que já era evidente mesmo antes da pandemia. Não podemos mais ficar para trás — se, de fato, o país quiser ser protagonista do seu futuro. As nossas crianças e os nossos jovens precisam de uma nova escola — não mais essa que aí está.

Matar mosquito com bala de canhão

» CHICO SANT'ANNA
Jornalista

Criar uma Guarda Nacional, como propõe o ministro da Justiça, Flávio Dino, para cuidar da segurança de um quarteirão parece ser tão adequado quanto ir matar mosquitos com bala de canhão: superdimensionada e ineficaz. A iniciativa do Ministério da Justiça em propor a criação de uma nova força policial federal para proteger os prédios da União em Brasília é desmedida e demonstra a incapacidade de criar mecanismos eficazes de gestão que garantam a prestância da Polícia Militar do Distrito Federal em proteger as sedes do governo.

Mundialmente, a existência de guardas nacionais tem propósitos bem diferentes do que se cogita para Brasília. No México, um país federativo igualmente ao Brasil e cuja capital está inserida num Distrito Federal, a Guarda Nacional tem por missão principal o combate em todo o país do crime organizado, a segurança das rodovias e do metrô da Cidade do México. Seu perfil é de uma corporação de caráter militar. A segurança dos edifícios públicos dos Três Poderes do governo federal do México está a cargo da Secretaria de Seguridad Ciudadana, um órgão local.

Nos Estados Unidos, cuja capital, Washington, está inserida no Distrito de Columbia, a Guarda Nacional — que na prática são duas: aérea e terrestre — são forças auxiliares ao Exército e à Força Aérea. O ex-presidente George W. Bush, quando da Guerra do Vietnã, preferiu se alistar na Guarda Nacional Aérea do Texas, segundo alguns analistas, para não ter o risco de ir para o front. Quem comanda a Guarda Nacional norte-americana é o Departamento (ministério) de Defesa. Elas atuam como reserva dessas duas forças e seu papel é atuar, uma vez acionada pelo governador estadual interessado — e não por livre arbítrio do governo federal — em situações de emergências domésticas ou desastres, como

furacões, enchentes ou terremotos.

Na vizinha Argentina, o quadro é parecido. A Gendarmeria Nacional Argentina tem natureza militar, com características de força intermediária, com duplo emprego (policial e militar) e suas missões principais são a proteção e controle da fronteira, de usinas nucleares, embaixadas argentinas no exterior e participa das missões de paz e segurança das Nações Unidas.

De maneira geral, o perfil internacional das guardas nacionais é de uma força que entra em ação de forma excepcional e temporariamente. Sua ação numa mesma tarefa nunca se faz de forma permanente, como defende agora o Ministério da Justiça. Ficou evidente que o problema de segurança vivenciado em 8 de janeiro não foi decorrente da falta de efetivos, nem de equipamentos, mas sim da falta de comando comprometido com a tarefa de defender a capital federal.

Federalizar esse comando e a tropa não é, necessariamente, a solução. Prova cabal foi o comportamento do Batalhão de Guarda Presidencial (BGP), tropa sob comando federal e com a missão exclusiva de proteger os espaços onde o presidente da República atua: Palácio do Alvorada, do Planalto, Granja do Torto. Se a federalização fosse a solução, o Planalto não teria sido invadido. O GDF, contudo, deve agir de maneira mais responsável nas ações de segurança que dizem respeito ao governo federal. O sucateamento do Batalhão Rio Branco é um bom — ou seria mau exemplo. Contingente responsável pela segurança das representações diplomáticas, hoje o Rio Branco perdeu até a sua sede no Lago Sul. Foi cedida para a 10ª Delegacia de Polícia.

De outro lado, considerando que quem paga a segurança pública do Distrito Federal é a União, não é de todo mal ter o governo federal atuando na seleção do mandatário da

segurança. No passado, isso era informalmente feito pelos governadores do DF. Cristovam Buarque (então PT) pediu que Fernando Henrique Cardoso (PSDB) indicasse o secretário de Segurança. O mesmo fez Agnelo Queiroz (PT), com Dilma Rousseff (PT). Ibaneis Rocha (MDB) agiu na contramão e agora responde por isso. Essa informalidade, contudo, pode ser alvo de uma regulamentação semelhante à que acontece com a escolha do presidente do Banco de Brasília. Nenhum dirigente assume sem o aval do Banco Central. Seria salutar que a escolha do secretário de Segurança, dos comandantes da Polícia Militar e dos Bombeiros e do chefe da Polícia Civil passassem por uma pré-qualificação federal.

Transformar a atual Força Nacional em uma tropa permanente pode ser também uma solução interessante, principalmente por questões financeiras. Os integrantes dessa força são hoje requisitados temporariamente dos quadros das polícias militares e dos corpos de bombeiros estaduais. São remunerados à base de diária, que se somam aos soldos de origem. A Força Nacional transformada em Guarda Nacional pode significar economia para o contribuinte e ao mesmo tempo dotar o governo federal para ações mais nobres do que cuidar do quarteirão da Esplanada dos Ministérios.

Missões ostensivas, preventivas, repressivas de acionamento imediato como proteger os povos indígenas, áreas de reserva ambiental, combater a grilagem, rebeliões em presídios federais, entre outras. Entretanto, parte dessas ações são hoje competência da Polícia Federal (DPF). Como evitar o paralelismo ou até mesmo criar a Guarda Nacional como um braço da DPF é um debate em que toda sociedade deve ser convidada a falar. Oportunidade de excelente também para unificar as polícias militares e civis nos estados, tema protelado desde o fim da ditadura militar.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Teatro Nacional

Estamos a caminho de lamentar por 10 anos o fechamento do mais importante e icônico espaço cultural da capital do país. Pensar que Brasília, com toda a importância que possa ter para o país e para o mundo, mantém fechado, há mais de uma centena de meses, o Teatro Nacional, obra fincada bem no coração da cidade, é algo assustador e, ao mesmo tempo, motivo de desalento e frustração para toda uma classe de artistas, dentro e fora da cidade.

Eis aqui um modelo acabado do descaso com a cultura. Pensar também que a pouco mais de dois quilômetros desse teatro magnífico, e que hoje serve como uma espécie de almoxarifado para o governo local, ergue-se imponente, desajeitado e inútil o mastodonte Estádio Mané Garrincha, onde caminhos de dinheiro dos contribuintes foram criminosa e desnecessariamente despejados, dói na alma dos brasilienses de bem.

Não é por outra razão, que muitos consideram a bagagem cultural de um governante um dos principais requisitos para todo e qualquer gestor público. De fato, nosso principal e mais belo palco para artes continua fechado, porque as autoridades que tinham obrigação de cuidar desse patrimônio cultural de todos não entendem o significado do que venha a ser arte ou cultura.

Quando um cartão de visita, do porte do Teatro Nacional, permanece por tanto tempo esquecido e fechado, cheio de lixo e tralhas, o que se depreende é que estamos todos entregues em mãos despreparadas para tal missão ou sob a gestão de gente primitiva e tosca que despreza o universo da cultura. Gente para quem artes e artistas de toda espécie devem ser deixados à própria sorte ou ao relento.

Não são poucos os brasilienses que se envergonham quando são perguntados, pelos visitantes, sobre o destino atual do Teatro Nacional e das salas Villa-Lobos, Martins Penna e Alberto Nepomuceno. O que teria ocorrido nos bastidores do governo local e da própria Câmara Legislativa para que esse Teatro tenha sido esquecido por tanto tempo? Não é normal, em país algum, só aos que estão mergulhados em guerra, deixarem-se ao abandono e à ruína, teatros dessa importância. Meninos e meninas que hoje andam por volta dos 10 anos de vida desconhecem o Teatro Nacional, seus espaços e sua importância. E isso é grave.

Muitos outros moradores locais, que poderiam ter a oportunidade de conhecer a arte nesse espaço espetacular, talvez nunca venham a ter essa experiência. Escolas, que antes organizavam caravanas de alunos para visitar e vivenciar esse espaço e suas apresentações, perderam essa oportunidade. O que acontece no interior desse monumento esquecido se reflete em seu entorno próximo. Entregue ao abandono e ao esquecimento duradouro, toda essa área belíssima, com seu paisagismo bem elaborado, transformou-se hoje em área de valhacouto de delinquentes e drogados, colocando em grande perigo quem ousa transitar na região.

Para os que se contentam com pouco ou se satisfazem com as promessas vãs de que aquele espaço vai voltar à vida em breve, resta admirar, de longe a arquitetura desse prédio monumental. Como uma casca de concreto a exibir talvez, o período mais fértil de criação do arquiteto Oscar Niemeyer, o Teatro Nacional, por qualquer ângulo que se aviste, é uma obra e uma escultura de arte por si só, a iluminar às tardes e a noite da capital, sinalizando no horizonte a promessa de que seu interior e sua alma ainda não de voltar à vida, renascendo das ruínas do abandono.

» A frase que foi pronunciada

“O teatro é o primeiro soro que o homem inventou para se proteger da doença da angústia.”

Jeann Barroult

Pelo DF

» Em toda a festa da posse dos novos senadores, o comentário no cafezinho é a falta que o representante do DF Reguffe vai fazer. Como exemplo de parlamentar que abriu mão de todas as regalias, inclusive plano de saúde, mostrando a perfeita harmonia e ritmo entre discurso e prática.

IFB

» Uma herança recebida pela capital do país é o Instituto Federal de Brasília. Com campus em várias regiões administrativas, são neles que o estudante que quer crescer profissionalmente encontra os primeiros caminhos. São centenas de vagas gratuitas de formação inicial e continuada desde moda à robótica.

Dez anos

» Quem está feliz da vida com a mudança na rotina é Claudia Lyra. Hoje, é gerente de relações institucionais da Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais (CNseg).

Boas-vindas

» Segunda-feira será um grande dia para a saúde do DF: Dentistas (125), Médicos (447), Especialistas (454), Enfermeiros (220) serão nomeados para reforçar o atendimento à população.

» História de Brasília

Há uma lei no Brasil, segundo a qual todos os prédios de mais de três andares, devem ter caixa coletora de correspondência para cada apartamento, separadamente, no térreo. (Publicada em 15/3/1962)